



Sarney recebeu a solidariedade ao seu Governo dada pela caravana maranhense liderada pelo governador Eptácio Cafeteira

Para SNI, ação policial evitou agressão maior

Os manifestantes que na manhã de terça-feira protestaram contra o presidente Sarney na cidade de Belém estavam dispostos a atirar pedras e ovos contra o Presidente da República. A informação foi dada ontem pelo general Ivan de Souza Mendes, ministro-chefe do SNI, justificando a ação policial que terminou prendendo 22 manifestantes entre professores, estudantes e líderes políticos, inclusive o deputado estadual João Carlos Batista, do PSB.

O general Ivan Mendes garantiu ainda que os manifestantes não seriam atingidos pela Lei de Segurança Nacional. "Não é preciso", afirmou o chefe do SNI. A última aplicação da LSN no Governo de Sarney ocorreu em junho passado, contra os que

atiraram pedras no ônibus do Presidente, no Rio de Janeiro. Eles foram, em seguida, anistiados por Sarney.

Indagado sobre a atuação da PM paraense, considerada "excessiva" por alguns integrantes da segurança pessoal do presidente Sarney, o general Ivan respondeu: "Se a polícia faz o que fez, vocês acham que houve abuso. Se não faz, agridem o Presidente. Vocês tirem as conclusões". Em seguida, o chefe do SNI informou sobre a disposição dos manifestantes em tornar mais sério o protesto, jogando ovos e pedras.

Desagradável
Quem não gostou da atuação agressiva da Polícia Militar de Belém foi a senhora Marly Sarney. Ela considerou "desnecessária" a

prisão, com violência, de alguns manifestantes.

Ela assistiu toda a movimentação da polícia ao lado do Presidente, no terraço situado no primeiro andar do Centro Cultural Tancredo Neves.

Governadores

Os governadores do Paraná, Alvaro Dias, e da Paraíba, Tarcísio Burity, também criticaram os manifestantes. Ambos foram ao Palácio do Planalto para a solenidade de criação da rede de Hospitais de Doenças do Aparelho Locomotor e consideraram que as instituições políticas foram atingidas pela manifestação de Belém.

O governador Tarcísio Burity chamou os manifestantes de "golpistas que querem tirar o Presidente da República do poder".

DPF só será mobilizado se Governo pedir

O Ministério da Justiça não vai pedir a intervenção da Polícia Federal no processo que apura responsabilidade pelo protesto contra a visita do presidente Sarney a Belém, que culminou com a prisão de 17 pessoas. Entretanto, se o presidente Sarney ou algum ministro fizerem solicitação com essa finalidade, o ministro Paulo Brossard poderá determinar uma investigação da PF. Mas a solicitação não foi feita.

O porta-voz da Polícia Federal, João Martins, informou ontem que o caso está sendo cuidado pela Secretaria de Segurança Pública do Pará e, como o incidente foi de pequenas proporções, a PF está de fora. "Ela só entrará, disse, se o Governo do Pará solicitar ou se o Ministério da Justiça determinar".

Deputado diz que há muitas dificuldades

"O presidente Sarney está enfrentando dificuldades que seriam naturais num processo de transição, mas no caso brasileiro se agrava, pelas suas peculiaridades e tantos problemas acumulados sem solução, nos setores políticos, econômico e social", afirmou ontem o deputado José Sarney Filho (PFL-MA). Em sua opinião, "os acontecimentos de Belém não foram representativos de reação contrária ao Governo e, sim, iniciativa de um grupo de protesto posicionado de forma estratégica num local que poderia ter sido ocupado também por elementos favoráveis ao Governo. Isso acontece em qualquer comício", observou.

O presidente Sarney, segundo seu filho deputado, está bem disposto e não revelou depressão em virtude dos fatos, ocorridos em Belém e das dificuldades encontradas pelo Governo. "O Presidente está bem e preparado para outras dificuldades naturais de uma transição tumultuada", frisou Sarney Filho. Acrescentou que o chefe do Governo, ao contrário do que se afirma, não está sozinho nem foi abandonado, comentando com ironia que seria até bom se "os que anunciam a retirada de apoio ao Governo realmente dele se distanciassem, o que não acontece na prática", concluiu.

Dops libera os manifestantes

Belém — A delegacia de Ordem Política e Social da Secretaria de Segurança Pública já liberou todos os 17 presos na manifestação de terça-feira, no Centro Turístico e Cultural Tancredo Neves (Centur) em protesto contra o presidente José Sarney.

Segundo o delegado titular da DOPS, Paulo Tamer, a liberação dos presos sofreu algum atraso porque todos foram submetidos a exame de corpo de delito no Instituto Médico Legal, já que alegavam terem sido vítimas de violências por parte dos policiais. A DOPS não sabe ainda se vai instaurar inquérito contra os 17 implicados na baderna que marcou a visita do presidente Sarney a Belém, mas o delegado informou que os policiais agiram acer-

tadamente, já que havia indícios da presença de "agitadores profissionais" no meio da multidão.

Um dos presos, mas que foi logo liberado, foi o deputado estadual João Carlos Batista, do PSB. Ontem se esclareceu que o parlamentar não foi agredido pelos policiais, mas pelo ex-árbitro de futebol, Celso Jovino quando tentava interferir no discurso que pronunciava o ministro Jader Barbalho. Celso Jovino é um jaderista fanático. Ao ser levado para fora da "Praça do Povo" o deputado João Carlos Batista tentou fazer valer sua condição de deputado, gritando para os policiais que exercia o direito de protestar contra a política econômica do Governo.

Para Simon, minorias pretendem tumultuar

Porto Alegre — O governador Pedro Simon acusou os autores das vaias e tumultos, na visita do presidente Sarney a Belém, de "minorias que só querem tumultuar o processo democrático. É profundamente lamentável o que aconteceu em Belém, em que essas minorias fizeram aquelas manifestações exatamente em dia importante para o Pará, em que o presidente Sarney devolveia ao Estado terras que pertenciam à União".

Em duas sucessivas e rápidas entrevistas, no Hotel Plaza São Rafael e no Palácio Piratini, Simon lembrou que «não há, na história brasileira, um período de tantas liberdades democráticas como agora. Os partidos comunistas, antes, viviam quase sempre na clandestinidade, a CUT e a CGT nunca haviam sido legalizadas, e agora se vê tal tipo de manifestação, que só prejudica a democracia. É normal que as pessoas manifestem sua contrariedade, mas foi uma minoria organizada».

Opinião idêntica possui o ministro dos Transportes, José Reinaldo Tavares, para quem as vaias contra Sarney foram entoadas por «uma minoria organizada. Não vejo a manifestação como um descontentamento popular contra o Governo, pois três mil pessoas estavam à favor e poucos contra».

Temor

O governador Pedro Simon, na questão da sucessão presidencial, reiterou serem «normais» as conversações dos governadores sobre o assunto, mas continua temendo



Governador lamentou os fatos
que o parlamentarismo não sobreviva na Constituinte devido à existência majoritária de presidencialistas defensores do presidencialismo. Por isso, mas sem manifestar preferências pessoais, Simon elogiou a declaração do ex-governador Franco Montoro, que em Roma se autolancou candidato à Presidência aceitando governar o País num regime parlamentarista, o preferido de Simon.

Simon observou que «Brizola veio aqui no Sul com quatro pedras (críticas) contra o parlamentarismo», num tipo de discurso semelhante ao de outros presidencialistas como Lula, Miguel Arraes, Aureliano Chaves, Quercia, entre outros.

Mandato já é caso definido, afirma Sarney

"Mandato de quatro anos já é um assunto encerrado para mim", afirmou ontem o presidente Sarney, ao responder rapidamente a uma pergunta de jornalistas, após receber no Palácio do Planalto, as bancadas estadual e federal do Maranhão, que lhe foram hipotecar apoio.

Numa cerimônia rápida e simples, ao lado do seu gabinete, o presidente Sarney teve garantida a solidariedade dos políticos do seu Estado: estavam presentes 38 deputados estaduais, 20 prefeitos e toda a bancada federal do Maranhão, além do governador Eptácio Cafeteira.

O governador Eptácio Cafeteira disse, em nome dos deputados e prefeitos, que o Presidente poderia esperar dos presentes a mais sólida demonstração de apoio aos cinco anos de mandato. Cafeteira disse que os políticos ali presentes descerão a rampa do Palácio do Planalto junto com o Presidente no último dia de seu Governo, "seja qual for o prazo de seu mandato".

No curto pronunciamento que fez em seguida, o Presidente não tocou na questão do mandato, limitando-se a agradecer a manifestação que recebeu e que atribuiu à lealdade dos maranhenses. Sarney observou que a manifestação de apoio não o surpreendeu, porque "no Maranhão sempre fui estimado, sempre fui ajudado e tudo que a vida me deu teve por começo esse grande Estado".

Emocionado com a solidariedade e o apoio dos seus conterrâneos, afirmou Sarney: "Esta manifestação reflete o sentimento do povo maranhense e tem uma carga sentimental muito grande para mim". Ele aproveitou a oportunidade para elogiar a administração do governador Eptácio Cafeteira: "Ele tem praticado um esforço enorme para administrar o Estado do Maranhão e merece, portanto, todo o meu respeito".

Estavam no Palácio do Planalto prestando solidariedade ao presidente deputados de todos os partidos, inclusive o líder do PDT no Maranhão, deputado Pedro Vasconcelos. Como fez questão de afirmar o líder do grupo, deputado Ricardo Murad (líder do PFL no Estado), a bancada maranhense considerou necessário ir até o presidente Sarney garantir apoio e solidariedade neste momento de dificuldades.

Aníbal não vê prejuízos à administração

Natal — O ministro do Planejamento, Aníbal Teixeira, disse ontem em Natal que a redução do mandato do presidente José Sarney para quatro anos, se for confirmada pelo plenário da Constituinte, não trará prejuízos ao programa que o Governo traçou para sua administração. Para o ministro, agora o Governo terá condições até de fazer muito mais coisas, especialmente pelo Nordeste.

Na opinião de Aníbal Teixeira, «o presidente José Sarney gozará agora de maior liberdade para tomar as decisões administrativas que julgar mais convenientes, podendo dessa forma realizar mais coisas em menos tempo».

Com relação ao sistema de governo, embora ressaltando que segue a orientação do presidente Sarney de acatar a decisão que vier a ser tomada pela Constituinte, o ministro Aníbal Teixeira disse que é presidencialista.